

MEMORIA D'ESCULPTURA

APRESENTADA E PREFERIDA

N O

CONCURSO PARA O PROVIMENTO DO LUGAR

D E

PROFESSOR SUBSTITUTO

DA AULA E LABORATORIO D'ESCULPTURA.

P O R

FRANCISCO DE ASSIS RODRIGUES.



L I S B O A :

NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1829.

Com Licença.

ADVERTENCIA.

ESCREVI esta Memoria unicamente para satisfazer a huma das condições, com que se abriu o Concurso, para o provimento do Lugar de Professor Substituto da Aula, e Laboratorio d'Esculptura, vago por fallecimento de meu Pai. Tendo a ventura de ser preferido aos mais Oppositores, assentei publica-la, mais por insinuação alheia, que por vontade propria.

O breve intervallo de tempo, em que a compuz, e escrevi, não me permittio amplifica-la, como desejava, dando-me apenas lugar para tocar os pontos mais principaes do assumpto, proposto nestas formaes palavras: = *Memoria sobre o methodo, e processo dos trabalhos na pedra.* =

Ao Leitor não devem ser estranhas quaesquer faltas, ou erros, que encontrar; porque, sendo elles o patrimonio de todos os homens, não he para admirar que o seja daquelle, que, estando mais costumado a manejar o sinzel do que a penna, he a primeira vez, que offerece ao typo estas regras, na idade de vinte e sete annos.

Distat ab Ingenio longè Manus

Du Fresnoy. *De arte grafica*, v. 494.

ESCUPTURA.

MEMORIA

Sobre o methodo, e processo dos trabalhos na pedra.

Os Escultores Gregos, que executárão em pedra essas Estatuas famosas, que por tantos seculos até hoje tem merecido a primazia, e os louvores de tantos Artistas sabios, não nos transmittirão as instrucções sobre o *methodo*, e *processo* dos seus trabalhos; porque o tempo destruiu, e anniquilou todos os Escriptos, que ácerca deste objecto publicárão aquelles antigos Mestres; restando-nos apenas a noticia de que escrevêrão, pelo que diz Plinio, e outros Auctores a este respeito (1). Apezar desta perda irreparavel, a Italia produzio no seculo XIV dous homens extraordinarios, que fôrão, para assim dizer, os pais, e os restauradores das Bellas Artes, filhas do Desenho (2): fallâmos de Miguel Angelo Buonaroti, e Leão Baptista Alberti. Ao primeiro devemos tudo quanto se pode desejar na prática da Esculptura; e ao segundo sômos devedores de hum Tractado (3) sobre a theoria, e methodo de executar em pedra as obras desta Arte.

(1) Plinio liv. 34 cap. 8, e 35 cap. 10. — Estobéo cap. 25. — Focião *apud Junium* liv. 2 cap. 3.

(2) No Seculo XI começárão a dissipar-se as trévas, que as invasões dos Barbaros tinham espalhado por toda a parte. Nos Seculos XII e XIII continuárão a cultivar-se as sciencias, e bellas artes: mas somente no Seculo XIV he que brillárão com esplendor, e subirão até ao XVI. Só refiro Buonaroti, e Alberti, pelo pedir assim a materia, que tracto.

(3) *Trattado della Statua.*

Este methodo, cuja explicação passámos a fazer, he o que se abraçou em toda a Italia, e praticou nos Laboratorios d'Esculptura. Foi seguido, e aperfeiçoado pelo Algárdi, Bernini, Maini, Mestre de Giusti, que vindo de Roma a Portugal no Reinado do Senhor Rei D. João V, estabeleceu em Mafra huma Aula d'Esculptura, onde o sabio Artista Joaquim Machado de Castro estudou, e praticou quatorze annos (1): com este Estatuario aprendeu o habil Professor Faustino José Rodrigues, de quem temos a honra de ser filho, e discipulo, e cuja morte, ha pouco succedida, ainda nos punge o peito, e excita a dôr, e a saudade.

Consistindo este methodo n'huma operação geometrica, que estabelece, e determina o modo de transferir de hum sólido a outro certos pontos dados, por meio dos quaes se conhecem precisa, e exactamente as quantidades, que constituem qualquer peça d'Esculptura em pedra: e, sendo esta regra certissima, e susceptivel da maior exactção que possa considerar-se, tem sido por este motivo universalmente recebida, e praticada. Mas, para tractar deste objecto, cumpre distinguir duas cousas mui necessarias, e essenciaes: 1.ª Os estudos, e conhecimentos da arte d'Esculptura, precisos para conseguir a perfeição dos trabalhos de pedra: 2.ª O mecanismo das medidas, e a prática dos mesmos trabalhos. N'huma palavra, a theoria, e a prática da Arte vão a ser os dous pontos desta Memoria:

1.º

Esculpir huma Estatua tão bella como a do Apollo de Belveder, ou hum grupo tão expressivo como o do Laocoonte, ou hum relevo tão difficultoso como o do Rossi, he o alvo, e o fim a que se dirigem os estudos, e os trabalhos do Escultor; mas para elle conseguir este fim, precisa, além do genio natural, muitos estudos theoricos, e práticos. Isto não carece de demonstração. Co-

(1) *Descripção Analytica* cap. 6. — Na Aula de Mafra se distinguirão muito os Estatuarios, Francisco Leal Garcia, José Joaquim Leitão, João José Elveni, Alexandre Gomes, Roberto, e outros.

mo porém a prática suppõe theoria, razão hé que comecemos por esta o nosso Discurso.

Se o mecanismo das medidas, e a prática dos trabalhos de pedra, considerados em si mesmos, bastassem para caracterizar o Estatuario, e ganhar-lhe huma fama eterna, com justo motivo os Canteiros habilidosos, que sabem a rotina dos pontos na prática d'Esculptura, seriam os primeiros que á bôca cheia disputassem a primazia, e os titulos de Fidias, e Canóvas; porém he claro que se dá huma differença mui grande entre a Arte d'Esculptura propriamente dicta, e o methodo, e prática dos trabalhos de pedra; porque esta he *em parte* material, e a Arte em si he *formalmente* scientifica. A falta de distincção gera a confusão das idéas, e palavras.

D'aqui vem que tambem muitos confundem a Architectura com a Edificação. » Deverião (diz hum célebre Artista aos Professores da Academia de Madrid) fazer huma grande distincção entre a Architectura, e a Arte de edificar, cousa, que até nos titulos dos Livros se costuma confundir. As invenções, e o gôsto fazem o Architecto: a Mathematica, e a Physica o soccorrem, e auxilião. As primeiras são como a cabeça do homem, e as segundas como as mãos. A Invenção requer grande talento, e a Arte de fabricar he toda mecanica, e material. » Da mesma sorte podêmos dizer a respeito da Esculptura: as invenções, e o gôsto fazem o Escultor: o Desenho, e o estudo da Natureza o soccorrem, o auxilião, e formão o seu merecimento. O Desenho pois he a base, e o fundamento da Esculptura, e por isso o primeiro conhecimento, que deve possuir aquelle, que se dedica a esta nobre profissão; porque Escultor sem Desenho he o mesmo que Grammatico sem letras, ou Philosopho sem Logica. Como poderá o Escultor trabalhar com methodo, e proseguir com perfeição as suas obras em pedra, que he o fim dos seus estudos, se elle ignorar o Desenho, que he, como se disse, o principio, e o fundamento da Esculptura?

D'onde se collige a necessidade, que ha de estudar o Desenho a fundamento, a fim de que os discipulos desta Arte possuão com vantagem proseguir os mais estudos;

não fazendo consistir este n'hum servil imitação das Estampas, que copião, e desenhão (1). He necessario não caminhar ás cegas, e saber distinguir nas Estampas o que ha de mais bello, mediocre, e inferior. Para isto convem que o Professor, quando lhes dá os originaes, e quando lhes corrije as cópias, lhes insinue, por meio de huma breve analyse, o que deve ser imitado, ou o que carece de maior correcção, e elegancia, desenhando-lhes á sua vista, em separado, o modo, por que huma cabeça, huma figura, ou quaesquer outros objectos, podem ser mais elegantes, correctos, e naturaes.

Util seria tambem que se lhes fizesse bem sensivel a differença, que se dá nas *Proporções*, segundo o sexo, a idade, e a qualidade das pessoas. Seria igualmente para desejar que neste estudo houvesse hum ensaio de Anatomia, pelo que pertence somente á *Osteologia*, ou Tractado de ossos, e á *Miologia*, ou Tractado de musculos (2), a fim de que os Discipulos podessem ir formando idéas da belleza dos corpos nús, por que estudão nas Estampas, e se dispozessem a estudar o natural: huma explicação breve dos *Escorços* (3); do arranjamento, e ligação dos *Grupos*; das regras de *Composição*; das *Massas* de luz, e de sombra, etc. Estas explicações, sendo breves, e bem entendidas, serão sem dúvida de huma grande utilidade, e vantagem para os Discipulos, acompanhando o Mestre com o *lapis* estas explicações, porque ordinariamente regras esquecem quando faltão exemplos; e os Discipulos não sabem conhecer o modo, por que se consegue a prática do Desenho, se não vêem o Mestre

(1) As Collecções de Rafael, Carachi, e Piazzetta são Estampas, por que se devem aprender os primeiros Elementos do Desenho.

(2) Veñão-se os Tractados de Anatomia, que os Italianos, e Francezes tem composto positivamente para os Artistas; e entre elles: *Anatomia per uso e intelligenza del disegno. L'Anatomie necessaire pour l'usage du Dessin. Par Edme Buochardon, Sculpteur du Roi. Etudes d'Anatomie a l'usage des Peintres. Par Charles Monnet, Peintre du Roi.* Deste ultimo tenho concluido a traducção, que addicionei com algumas definições, e notas instructivas.

(3) Convém para isto ter algumas noções de Geometria, e Perspectiva, ainda que o Discipulo deve desenhar sempre a olho, sem regoa, nem compasso.

pratica-lo; por quanto estas Artes requerem mais prática, do que theoria.

He deste modo, por meio destes estudos, explicações, e analyses sobre as Estampas, Quadros, e Modélos; que a Academia Franceza, no tempo de Luiz XIV, pôde rivalisar com as mais célebres Escólas da Italia. Quanto são dignas de lêr-se as Conferencias (1) daquella Academia, feitas em presença de Mr. Colbert, Inspector dos Edificios, Artes, e Manufacturas de França! Quanto se distingue entre estas a excellente Analyse, que Mr. Le Brun, Pintor do Rei, apresentou na Conferencia sobre o quadro de S. Miguel, pintado pelo grande Rafael! Não nos podêmos cansar de a lêr, e meditar á vista do Desenho, que possuímos, copiado daquelle Quadro.

Em fim, da arte do Desenho devem correr, como de huma fonte, aguas puras, e salutiferas, que fertilizem o campo das bellas Artes; pois de todos he sabido que o Pintor desenha com o pincel, o Esculptor com o escopro, e o Gravador com o boril.

Depois do estudo do Desenho pelas Estampas, deve passar-se ao estudo dos *Gessos*, e deste ao do Natural. A Natureza he a nossa mestra (2), e com tudo querem que sejâmos sabios, recusando-nos as suas lições. O Artista nunca a deve perder de vista; e com tudo rouba-se-nos o seu rosto encantador, e dá-se-nos em seu lugar huma cópia, ou huma sombra de sua imagem. Deste desprezo da Natureza procedem as immensas desordens, e erros que os Artistas, unicamente entregues ao genio, e ao capricho, commettem todos os dias; porque todos os dias se lhes nega o que nunca se lhes devêra negar. A Natureza de mãos dadas com a Arte poderão na Grecia, e Roma levar a Esculptura, e as mais Artes ao summo gráo de perfeição, assim como na França, na Hespanha, e ainda nos Paizes do Norte; e parece que só em Portugal se tem pertendido que os Artistas possam ser perfeitos sem hum estudo constante da Natureza. A Arte entre-

(1) *Sentimens des plus-habiles Peintres sur la pratique de la Peinture et Sculpture.* Paris-1696.

(2) *Nec sine teste rei Naturá, Artisqve Magistrá.* Du Fresnoy:

gue a si mesma pouco vale; e, no sentir de hum grave Auctor, até deixa de o ser, quando apparece só, sem a Natureza, que he sua amiga, e companheira inseparavel (1).

Munido destes estudos preparatorios deve o Discipulo, que se destina á Esculptura, principiar a modelar em barro, copiando pelos modélos dos Auctores mais conhecidos, e famigerados, até que adquira os conhecimentos do vulto; e aqui deve o Professor praticar o mesmo que dissemos a respeito do Desenho, fazendo explicações, e analyse dos modélos originaes, a fim de o dispôr a inventar, caso que o Discipulo tenha este dote; porque para inventar bem he necessario que o sujeito tenha *juizo solido, espirito cultivado, imaginação viva, coração docil, e sensivel. Juizo*, para saber escolher entre a infinidade de objectos aquelles, que são mais bellos, reunindo bem a natureza dispersa, e rejeitando o que não convêm. *Cultura*, para saber ordenar suas idéas, e pensamentos; conhecer a Historia, a Poesia, a Iconologia, a Architectura, e ter outras muitas noções de varias Artes, e Sciencias, porque todas ellas tem entre si muita união, e parentesco (2). *Imaginação*, para se representar os objectos, e imagina-los com aquelle fogo, enthusiasmo, e modificações, que lhes são inherentes. *Sensibilidade*, para exprimir com verdade os sentimentos, e as paixões, segundo os caracteres dos sujeitos, que representa; porque mal pode figurar, e exprimir huma paixão quem não pode senti-la, nem sabe commover-se, e transportar-se das desgraças alheias. Tal he o preceito de Horacio (3).

Depois de huma constante applicação ao modélo em barro, deve passar o Discipulo ao trabalho da pedra, que he, como se disse, o complemento, e o fim de todos os seus estudos; e por esta razão passâmos já a tractar do

(1) *Cum desinat ars esse, cum apparet.* Quintil.

(2) *Omnes artes, quæ ad humanitatem pertinent, habent inter se vinculum commune.* Cic. pro Archia. Veja-se Vitruvio no liv. 1 cap. 1, a que allude Machado no Discurso sobre as utilidades do Desenho.

(3) *Si vis me flere, dolendum est primum ipsi tibi: tunc tua, etc.* Hor. in Poet.

II

mecanismo das medidas, e da prática dos trabalhos, que faz o objecto do Ponto

2.º

O estudo do Desenho pelas Estampas, pelos modélos de gesso, e pela Natureza, são os meios de chegar á Esculptura, porem não são o seu fim; e por isso he necessario que o Discipulo se dê ao estudo de modelar em barro até que chegue a copiar com perfeição; e d'aqui passe ao trabalho, e exercicios da pedra; applicação esta, que demanda huma longa prática, porque os trabalhos da pedra são naturalmente difficeis, laboriosos, e demorados.

Logo pois que se intenta executar em pedra qualquer obra, deve-se aprender, e seguir o methodo de Alberti, de que acima fallámos, e dissemos ser geralmente recebido, e de que Mr. de *Jaucourt* dá idéas na Encyclopedia (1). Este methodo he o seguinte.

Executado primeiramente em barro, e formado em gesso, o modélo da Estatua, que se pertende esculpir, colloca-se este n'huma estante graduada com a escala de palmos; e ao tempo de entelheirar a pedra no seu respectivo *accessorio* (2), por cima do qual deve tambem haver hum esquadro, igualmente graduado com prumos da frente, e lado, se examina a relação que ha entre o dicto modélo, e a pedra; e, feito este exame, deve fixar-se o modélo com todo o cuidado, e segurança na sobredicta estante, a fim de transferir delle á pedra todas as medidas, que são necessarias, não só para fazer o conveniente desbaste, mas tambem para chegar a Estatua, quanto seja possivel, ao referido modélo, que serve de guia, e exemplar. Aqui começa o mecanismo das medidas.

Deve pois o Artista estabelecer hum ponto, ou baliza no modélo, que ordinariamente costuma ser no *plin-*

(1) Encyclop. Tom. 14 Art. *Sculpteurs anciens*.

(2) *Accessorio*, ou *Estalleiro* se chama a hum corpo de forma quadrada, que se fixa no chão para assentar nelle as pedras, que servem para obras de Esculptura: pode ser de madeira, ou pedra bem nivelado, e ordinariamente tem cinco a seis palmos em quadro, por tres a quatro de altura.

tko, e algumas vezes no lugar mais saliente da obra, ao qual se dá o nome de *ponto mestre*; e querendo transferi-lo á pedra deve fazer a seguinte operação.

Medir primeiramente com hum compasso a *altura*, que ha da linha da terra, ou base, em que descansa o modélo ao ponto que marcou no *plintho*, ou parte mais saliente, e vendo na escala, ou regoa de palmos a quantidade desta medida deve transferi-la á pedra, firmando huma ponta do compasso no *accessorio*, que se acha já nivelado, e descrevendo na pedra com a outra ponta huma porção de circulo, assignala esta com lapis. Voltando logo ao modélo, e encostando a regoa do lado da estante em direitura do ponto, mede a *distancia*, que ha do dicto ponto ao vivo, ou superficie da mesma regoa; e, vendo a quantidade, a transfere á pedra, fazendo aqui o cordel, que pende com o prumo, o mesmo officio que a regoa a respeito da estante do modélo, e chegando a ponta do compasso ao cordel, descreve com a outra huma porção de circulo, que faz *intersecção* com a primeira, que se havia descripto.

Estando exacta, e precisamente conhecido o lugar do ponto pela *altura*, e pela *distancia*, resta examinar a *profundidade*, a qual se conhece seguramente encostando a mesma regoa á frente da estante, em direitura do sobredito ponto; e medindo a quantidade que ha deste ponto ao vivo da regoa, se transfere á pedra; e firmando a ponta do compasso no da *intersecção*, se observa quanto excede a outra ponta fora do cordel, que será tanto quanto se deve tirar de pedra, até que o bico do compasso rosse no dicto cordel, que faz de *tangente*. Feita esta operação geometrica, que he certa, e infallivel, porque se funda em demonstrações mathematicas, não ha receio de errar o methodo.

Fixo por este modo o primeiro ponto, se continúa a pontear a pedra, servindo-se o Artista já deste ponto, já de outros para multiplicar novos pontos, que se vão marcando com todo o cuidado; de modo que primeiramente fazem-se os córtes principaes, depois vão apparecendo as sórmas pouco, e pouco, e ultimamente descobre-se a Estatua.

Tambem (em lugar de esquadro) se costuma usar de hum quadrado, ou parallelogrammo rectangulo, com linhas nos angulos da estante do modelo, e cordeis fixos nos da pedra, fazendo a mesma operação com huma regoa graduada, segundo o ponto de vista do Artista; porém este modo, posto seja mais breve, está sujeito ao erro, humas vezes pela flexibilidade das linhas, outras por falta, ou engano da vista de quem applica a regoa; o que não he tão facil acontecer com o uso do compasso. A estas medidas pois de *altura*, *distancia*, e *profundidade* se pode, e deve chamar em rigor medida *vertical*, *horisontal*, e *central*; porém isto he, como se vê, huma questão de nome.

Desbastada por tanto a pedra debaixo deste methodo, se procede ao trabalho, e complemento da Estatua. Os primeiros debates devem ser feitos por algum Official Canteiro, segundo as dimensões, e direcção do Estatuario. He preciso porém que o Artista tenha conhecimento das qualidades da pedra (1), e tambem dos ferros (2), e modos, com que devem fazer-se certos trabalhos, cujo *processo*, posto que em parte possa explicar-se, só a prática he que pode verdadeiramente ensinar, e dirigir o Artista neste caso: sendo o tempo que deve levar cada obra sempre relativo á qualidade da pedra, e mais que tudo ás difficuldades do modelo, e á maior, ou menor sciencia, e desembaraço dos operantes.

Mas acontece que, estando certissimas todas as medidas, vão proseguindo os trabalhos; alizão-se certas partes, e aperfeiçoa-se a Estatua: e com tudo ella não agrada, nem satisfaz cabalmente como o modelo. Estão certas as alturas, larguras, e grossuras das partes, que constituem o todo; e este todo corresponde a todas as partes; mas a Estatua não tóca, não illude, e attrahe o espectador. Os olhos, o nariz, a bôca estão proporcionados com a cabe-

(1) Das qualidades da pedra deve resultar o conhecimento dos *lezins*, *fios*, *abilheiras*, *concha*, etc., para applicar a ferramenta conveniente.

(2) As especies de ferros são: *ponteiros*, *gradins*, *escopros*, *brocas*, *badames*: Servem tambem *limatóes*, *grozas*, pedra de *brunir*, e *pómes* para os acabamentos.

ça, e ésta com os outros membros do corpo: mas o rosto em pedra não exprime a virtude, a paixão, ou o sentimento, que exprime o original: n'humá palavra, não está bem executado em pedra o sujeito proposto no módelo. De que procederá isto?

He fácil conhecer que nasce, se não da falta de talento do Artista, então dos poucos estudos, e conhecimentos, que tem da arte de Esculptura, essencialmente precisos para conseguir a perfeição nos dictos trabalhos de pedra. Não sabe desenhar bem, porque lhe faltou genio, desprezou tempo, ou não teve Mestre capaz, que o ensinasse; por consequencia não pode modelar bem, e muito menos pode esculpir, ou trabalhar em pedra com perfeição. Não sabe desenhar bem? Pois o Desenho he a essencia da Esculptura. E, se não fosse afastar-nos da materia principal, que vamos tractando, demonstrariamos (talvez) esta proposição até á ultima raia da evidencia, ainda mesmo considerando o termo de *essencia* em toda a extensão, e rigor philosophico. Se o Desenho he huma Arte, que representa em plano os objectos naturaes, e artificiaes, por meio de linhas, como poderá o Esculptor representar em vulto esses objectos, se ignorar as proporções, e a belleza dos *contórnos*, que se formão de linhas?

Todavía já houve hum Pintor sábio (1), que escreveu, e provou muito mal, que se podia dar hum Esculptor sem saber desenhar. Mas he porque elle não se lembrou que, antes de ser Pintor, estudou, e aperfeiçãoou o Desenho pela Esculptura: não advertio que Rafael, Dominiquino, Poussin, e os melhores Pintores modernos estudarão muito pelas Estatuas antigas para adquirir hum estilo de desenhar correcto, e elegante: não se recordou que o grande Esculptor Miguel Angelo foi, e he reputado pelo melhor Desenhador entre os modernos, porque, alem do estudo sobre o antigo, estudou, e meditou muito sobre os corpos nús, que são huma Esculptura viva: não reflectio que hum Desenho, ou Pintura, para ser boa, deve parecer huma Esculptura; e que huma Escul-

(1) Palomino. Museu Pictorico liv. 2 cap. 6.

ptura, para ser boa, não precisa parecer huma pintura. . . . Isto basta.

Pelo que fica dicto, e provado he claro, e evidente que no *methodo*, e *processo dos trabalhos na pedra* se devem distinguir os estudos da Arte de Esculptura, propriamente dicta, e o mecanismo, e prática dos dictos trabalhos. Quanto aos primeiros, he preciso o estudo do Desenho, que comprehende: as *Proporções*, a *Anatomia*, os *Escorços*, o *Claro-escuro*, e ainda a *Composição*: depois o estudo dos modélos em barro, a que deve preceder o dos *gessos*, com explicações, e analyse, que he o melhor meio de aprender qualquer Arte, ou Sciencia. Quanto aos segundos, he necessario seguir o methodo de Alberti, por ser o mais certo, e seguro, e por isso geralmente recebido, e praticado em todos os Laboratorios d'Esculptura. Mas todos estes estudos theoricos, e práticos serão inuteis, e baldados, se o Artista não tiver aquella propensão, e dote natural; que o Ceo somente concede a poucas almas nobres, e privilegiadas; ou se não souber cultivar este com os dictos estudos, sem já-mais perder de vista a Natureza. Ella he a fonte da perfeição, a mãi fecunda das bellas Artes, e huma directora segura, que nos conduz ao caminho da verdade.

F I M.



<http://biblioteca.ciarte.pt>